



Maria Clementina Pereira Cunha, **Ecos da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**Obra tira máscara do Carnaval do medo**

*por Marcelo Pen*

Um dia encontrei alguém  
Que me perguntou assim: laiá  
O seu Brasil o que tem?  
O seu Brasil, onde é que está?

João de Barro (Braguinha) Indagados sobre os símbolos da identidade nacional, os brasileiros respondem: carnaval e futebol. Mas as coisas não são tão simples. É o que sugere Maria Clementina Pereira Cunha, que lança "Ecos da Folia - Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920".

"Procuro mostrar que o fenômeno é mais complexo. Há uma série de identidades que procuram se afirmar ao mesmo tempo e de manifestações que carregam significados diferentes. O que exprime e provoca tensão".

Visto de longe, tudo parece plácido e alegre. Ou, como descreveu o cônsul-geral dos Estados Unidos no Brasil, Christopher Columbus Andrews, no final da década de 1880, "a humanidade por um momento parece uma família feliz".

Podemos observar o desfile de carros, das fantasias e das mulheres seminuas das grandes sociedades carnavalescas, pela rua do Ouvidor. Nas sacadas, a elite admira o espetáculo e brinca de espirrar água.

Nas ruas, é possível divisar os remanescentes dos cucumbis – cortejo de origem africana louvado pelos intelectuais abolicionistas. Percebemos foliões avulsos. Uns se fantasiam de diabinho, outros ensaiam complicada coreografia e equilibram uma máscara de velho.

"Costuma-se pensar a história do carnaval como algo ocorrido em etapas", observa Cunha. No início, haveria manifestações espontâneas do entrudo, ligadas à experiência colonial. Os préstitos das grandes sociedades correspondem à fase de ascensão das elites brancas europeizadas. Os ranchos e cordões se relacionam com a consolidação da República e desembocam nas atuais escolas de samba. "É uma idéia de progresso muito linear, que não leva em conta o fato de que essas formas de brincar existiram concomitantemente", afirma.

Assim, o entrudo passou a ser visto como inimigo. Não havia problema quando as sinhazinhas bisnagavam os sinhozinhos e estes retribuíam. Mas bastava um escravo, negro forro ou trabalhador braçal entrar na dança para se bradar a proibição do folguedo – o que não ocorria pelo apreço que as moças devotavam à "molhadeira".

Pior para a burguesia era a guerra às cartolas, que consistia em derrubar e destroçar esses símbolos da distinção social. Ela sonhava com os carnavais de Viena, Paris ou Nice. Apoiara e participara do projeto "pedagógico" das grandes sociedades. Os desfiles mais concorridos eram os do Democráticos, Fenianos e Tenentes do Diabo, que arrancavam o aplauso da "intelligentsia": de José de Alencar a Olavo Bilac, de Manuel Antônio de Almeida a Arthur de Azevedo. Possível exceção era João do Rio.

O jornalista foi um dos poucos a mostrar simpatia pelos cordões. Associados ao passado colonialista de Zé-pereiras, velhos e diabinhos, também eram temidos por incorporarem membros

das maltas de capoeiras. Esses defendiam o estandarte, muitas vezes provocando confusões entre rivais. A desordem deflagrava pânico.

Cunha compara esse temor ao sentimento dos banhistas de Ipanema quando, na década passada, sofreram com os arrastões. “Se vemos de longe a imagem é assustadora”, explica. “Quando a câmera se aproxima, percebemos que muitos estão rindo, dizendo que querem apenas “arrepiar os bacanas”. Eles representam uma parcela da sociedade que quer ser aceita, mas, sendo alvo de preconceito, reage com hostilidade”.

Algo semelhante ocorria no início do século 20. Segundo Cunha, a República procurou organizar “aquilo que era espontâneo e criou para si um problema enorme”. A polícia prendia cordões inteiros antes do Carnaval. “Os grupos criavam estatutos, elegiam presidente”, diz a historiadora, “mas quando saíam às ruas, saíam do mesmo modo que antes, com velhos, diabos, capoeiras”.

O que se percebe pela imprensa da época é uma crescente sensação de temor. Brigas e mortes são registradas com frequência cada vez maior no início do século 20.

Para escrever “Ecos da Folia”, a historiadora recorreu a textos de jornal e revistas, ilustrações e charges, a registros policiais e ao relato de literatos e folcloristas. O livro procura mostrar essa trama, revelando as tensões e o diálogo entre diferentes tradições. O resultado é um quadro diferente daqueles que pintam o Carnaval como uma celebração unívoca da “alma” brasileira.

Mas, se a festa do Momo é estratégica para entender o conceito de identidade nacional e o jogo de significações culturais que se formam em torno da disputa pelo espaço público, por que os estudiosos a tratam como um “tema menor?” Cunha cita Maria Isaura Pereira de Queiroz. A socióloga diz que é difícil para o pesquisador desvencilhar-se da “relação afetiva” que tem com o Carnaval, o que frustra uma visão crítica.

Trata-se de uma explicação plausível, mas talvez haja outro motivo. Quem sabe, ao olharmos para o Carnaval como espelho da brasilidade, não tenhamos medo de enxergar também, para além da “família feliz”, o estandarte dos excluídos e o enredo de nossas próprias contradições? Afinal, como indaga Braquinha, “Iaiá, o seu país onde é que está?”.

---

\*Publicado na Folha Ilustrada  
Sábado, 31 de março de 2001.